

MICROSCÓPIO

26.19 RAUL PILLA

A presente crise ministerial, em França, tem dado argumento aos espiritos superficiais contra o sistema parlamentar, quando a grave e delicada situação econômica, politica, social e moral daquele país, e não o sistema, é que explica as sucessivas crises, por que tem passado o governo.

Por que se demitiu o gabinete Henri Queuille? Por o ter derrubado o parlamento? Não; demitiu-se espontaneamente, por não saber como deter a perigosa corrida entre a alta do custo da vida e a elevação dos salários. Haverá coisa mais justa, mais natural e mais necessária, que despedir-se, ou ser despedido um governo, que se mostre incapaz de resolver uma determinada situação? Ou será mais acertado, mais conveniente aos interesses gerais do país conservar um tal governo, para que se não possa dizer que houve uma crise?

Por que está tardando a formação do novo gabinete? Em primeiro lugar, por não haver nenhum partido, em França, que seja a maioria e possa por si só constituir o governo. Em segundo lugar, por não se ter ainda cristalizado a solução, e estarem divididas as opiniões dentro dos próprios partidos. No momento em que a solução acertada se apresenta claramente ao espirito da maioria, naturalmente formado estará o governo que a deva pôr em prática.

Onde, pois, os defeitos do sistema neste episódio da vida pública francesa, se as causas da crise não as criou elle, mas residem na própria nação? Ao contrário do que pretendem esses impressionistas do direito público, que nada analisam, nem discriminam, o que se verifica são as excelências do sistema, que em situação tão grave como a francesa, tem evitado ditaduras e revoluções, num país que tão predisposto lhes fôra antes da instituição do sistema parlamentar, no ano de 1875.

Concedendo-se, porém, que simples decorrência do sistema parlamentar sejam as sucessivas crises do governo francês, aos críticos restaria explicar como se resolveria com o presidencialismo uma situação politica, econômica, social e moral análoga à da França. Isto não dizem elles, nem o poderão dizer nunca, porque com tal sistema não se resolvem as crises: prolongam-se até que uma ditadura ou uma revolução as venham cortar.